

Alunos exigem fim das paralisações

Os estudantes de Brasília, tanto das escolas públicas quanto das particulares, resolveram ontem se fazer ouvir pelas autoridades, realizando a primeira passeata do recém-criado movimento "SOS-Educação". Pelo fato de os estudantes preferirem um movimento livre, a passeata às vezes ficou sem uma liderança para decidir sobre o que seria feito. Mas a desorganização aparente não ocultou os reais objetivos dos quatro mil jovens que iniciaram logo cedo a manifestação na Torre de TV: pressionar os governantes para que evitem uma nova greve de professores das escolas públicas, cuja decisão pode sair no sábado, e tomem uma posição quanto à paralisação das escolas particulares.

Num primeiro momento, a mobilização apresentou resultados. O governador Joaquim Roriz convocou uma comissão de dez alunos, em seu gabinete, para conversarem sobre os motivos que levaram os alunos às ruas. Após a reunião, onde os estudantes entregaram o

manifesto "SOS-Educação" ao governador, Roriz determinou para breve um encontro entre os estudantes e os demais segmentos da educação: pais, representantes do Sindicato dos Professores (Sinpro) e da Secretaria de Educação.

Inexperiência

A falta de experiência em manifestações de rua modificou a idéia inicial dos coordenadores do "SOS Educação". A intenção era a de fazer um grande ato público de repúdio ao governo, na Torre de TV, antes de irem ao Palácio do Buriti. Só que a Companhia de Electricidade de Brasília (CEB) se recusou a colocar uma tomada para ligar a aparelhagem de som na torre e a solução foi usar emprestado o tradicional caminhão dos comícios dos trabalhadores, o "Boca de Lata". Apesar do número de pessoas presentes e dos discursos polêmicos, a concentração em alguns momentos lembrava muito pouco um ato de repúdio. As vezes tudo era agitação como num grande festival, onde casais de namorados se

misturavam a punks, torcidas organizadas e blocos de alunos uniformizados.

Os esclarecimentos sobre o que foi feito quando da elaboração do plano de carreira dos professores da Fundação Educacional tomavam bastante tempo da audiência, que durou meia hora, entre os estudantes e o governador. Para evitar futuras distorções na conversa, a secretaria de Educação Josephina Baiocchi, convidou os alunos a comparecerem em seu gabinete, ainda ontem, para uma conversa.

O problema das escolas particulares ficou em segundo plano, até porque sete dos alunos da comissão eram de escolas da Fundação Educacional. "Se tivéssemos um ensino público nivelado, não haveria necessidade de escola particular. No máximo, ela seria uma opção para os pais, e não a melhor alternativa" — disse Paulo Costa, 17 anos, presidente do grêmio estudantil do Colégio Marista de Brasília, quando se dirigia ao encontro com Roriz.

Manifesto fala do desestímulo

Os estudantes do movimento "SOS-Educação" preparam um manifesto, que foi entregue ao governador Joaquim Roriz e à secretaria de Educação, Josephina Baiocchi, durante a audiência realizada na manhã de ontem. Alguns trechos do manifesto:

- "A educação passa por um processo desvalorizador, principalmente a partir das ditaduras".
- "A minoria governante, por interesses e motivos escusos, procura desvirtuar a verdadeira função do ensino e sua estrutura. Extravia verbas da educação para fins não prioritários, sucateando a escola pública. Elabora currículos desestimulantes, defasados e irreais".
- "Nós vemos a necessidade de mover nossa mobilização. Unindo nossas forças, haveremos de reverter este quadro de passividade, tomando posições firmes e uníssonas, com intuito de sermos voz ativa nas deliberações sobre política e o sistema educacional vigentes".